

8. José Rodolfo Vieira *

Notas sobre Gaza: Visões de um jornalista estadunidense na Faixa de Gaza (2006)

ABSTRACT

O objetivo desse trabalho consiste em analisar as representações do jornalista estadunidense Joe Sacco em seu livro-reportagem publicado no gênero História em Quadrinhos intitulado “Notas sobre Gaza”. Em “Notas sobre Gaza”, Sacco viaja para Palestina entre 2001 e 2002, concomitante com os acontecimentos posteriores aos ataques contra as Torres Gêmeas no 11 de setembro e discorre sobre a Guerra de Suez de 1956 e os ataques cometidos pelo exército israelense contra as aldeias de Khan Younis e Rafah no mesmo período. A hipótese norteadora desse trabalho considera que, apesar de Joe Sacco descrever acontecimentos de 1956, sua narrativa contém elementos que criticam e colocam em exposição a repressão efetuada pelo Estado Israel contra o povo palestino durante o período de produção de seu trabalho (2002-2009). Para conseguir responder à questão, utilizaremos como aporte teórico o

conceito de representações do historiador francês Roger Chartier. Metodologicamente, flexionaremos a análise de Jean Starobinski para os estudos de literatura para a análise das Histórias em Quadrinhos enquanto suporte material livresco e juntamente analisaremos elementos da linguagem própria das artes sequenciais baseados em trabalhos como de Will Eisner e Umberto Eco.

Palavras-Chave: 11 de setembro; meios de comunicação; histórias em quadrinhos

El objetivo de este trabajo es analizar las representaciones del periodista estadunidense Joe Sacco en su libro publicado en *History in Comics* titulado "Notas sobre Gaza". En "Notas sobre Gaza", Sacco relata su viaje a Palestina entre 2001 y 2002, concurrente con los eventos después de los ataques a las Torres Gemelas el 11 de septiembre, discute la Guerra de Suez de 1956 y los ataques del ejército israelí contra las aldeas Khan Younis y Rafah en el mismo período. La hipótesis orientadora de este trabajo postula que, aunque Joe Sacco describe los acontecimientos de 1956, su narrativa contiene elementos que critican y exponen la represión llevada a cabo por el Estado de Israel contra el pueblo palestino durante el período de producción de su trabajo (2002-2009). Para ello, utilizaremos el concepto de representaciones del historiador francés

* Doutorando em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Assis). E-mail: rodolfohistoriauel@gmail.com

Roger Chartier como contribución teórica. Metodológicamente, nos apoyaremos en el análisis de Jean Starobinski para los estudios de análisis de cómics, y analizaremos elementos del lenguaje propios de las artes secuenciales basándonos en obras de Will Eisner y Umberto Eco.

Palabras clave: 11 de septiembre; medios de comunicación; Cómics

The purpose of this paper is to analyze the representations of the American journalist Joe Sacco in his report book published in the comic book genre entitled "Notes on Gaza". In "Notes on Gaza", Sacco travels to Palestine between 2001 and 2002, concurrent with the events following the September 11 attacks on the Twin Towers, and discusses the 1956 Suez War and the Israeli army's attacks on the villages of Khan Younis and Rafah in the same period. The guiding hypothesis of this work is that although Joe Sacco describes events of 1956, his narrative contains elements that criticize and expose the repression by the Israeli state against the Palestinian people during the production period of his work (2002-2009). In order to answer this question we will use as a theoretical basis the concept of representations of the French historian Roger Chartier. Methodologically we will

flex Jean Starobinski's analysis to the literature studies for the analysis of Comics as a book support material and together we will analyze elements of the proper language of sequential arts based on works by Will Eisner and Umberto Eco.

Key words: September 11th; media; comics.

Introdução

Nas páginas que se seguem, tentaremos analisar a História em Quadrinhos⁴⁸ do jornalista estadunidense Joe Sacco denominada "Notas sobre Gaza", e as representações acerca dos acontecimentos que permeiam o processo de produção de seu trabalho entre 2001 e 2009. Sacco nasceu na ilha de Malta, na década de 1960, mas passou sua infância e adolescência na Austrália e nos Estados Unidos. Em 1981, graduou-se em jornalismo pela Universidade do Óregon. Apesar de jornalista por formação, seu primeiro trabalho, "Yahoo", publicado em 1988 pela *Fantagraphic Books*, continha várias histórias acerca de sua desilusão com a profissão jornalística. No início da década de 1990, Sacco é levado pela primeira vez à Palestina enquanto acontecia a Primeira Intifada na Palestina (1987-1993)⁴⁹. Em sua viagem, que durou cerca de sessenta dias entre os anos de 1991 e 1992, o jornalista

⁴⁸ A partir de agora, utilizaremos a abreviação HQ's para fazer referência a Histórias em Quadrinhos.

⁴⁹ A Intifada também é conhecida como o "levante das pedras". Foi um movimento de caráter popular na Palestina que ficou conhecida pelo fato de civis atirarem

pedras contra os soldados das Forças de Defesa de Israel. O estopim para o levante ocorreu em dezembro de 1987 após um acidente de carro na fronteira entre Israel e a Faixa de Gaza. O fim do movimento é marcado pelo Acordo de Oslo de 1993.

buscou testemunhos sobre os primeiros dias do levante palestino contra as Forças de Defesa de Israel (FDI). Dessa empreitada surgiram nove volumes do seu segundo trabalho em Histórias em Quadrinhos, denominadas “*Palestine*” publicada entre 1993 e 1995, rendendo a ele o prêmio *American Book Awards* em 1996. Em “*Palestine*”, Sacco colecionou uma grande quantidade de entrevistas com moradores palestinos que, além de ilustrar a conjuntura que levou os palestinos a se levantarem contra a opressão israelense, também trazia memórias sobre o plano de partilha das Nações Unidas em 1947 e o início da ocupação israelense em 1948. Ainda na década de 1990, ele parte em viagem para Sarajevo, onde também publicou narrativas gráficas acerca dos acontecimentos beligerantes na região. Sobre Joe Sacco, Dan Mazur e Alexander Danner afirmam que ele foi:

[...] pioneiro no gênero de ‘jornalismo em quadrinhos’ com esta série de relatos na primeira pessoa de experiências e encontros em Israel e na Palestina. Influenciado graficamente por Crumb (ele próprio já envolvido com jornalismo em quadrinhos), o trabalho de Sacco combinava memórias e reportagem, demonstrando o potencial dos quadrinhos, junto com prosa filme/vídeo, como um meio para um jornalismo profundo e emocional. Os elementos específicos dos quadrinhos, incluindo caricatura e exagero – no caso de Sacco, a inclusão do artista/repórter

como personagem, forçando o jornalista a enfrentar a inevitável subjetividade da atividade jornalística⁵⁰.

Dessa maneira, Sacco faz parte de um gênero muito específico de quadrinistas que utilizam o gênero das HQ’s com o intuito de narrar um evento jornalístico ou produzir uma reportagem. Santiago Garcia⁵¹ também comenta sobre a presença de Sacco como personagem de sua própria narrativa e a liberdade que essa técnica possibilita de transformar uma reportagem em prosa. Dessa maneira, o fato de o próprio autor ser uma personagem corrobora para a transição temporal na narrativa de seus trabalhos. Mesmo suas testemunhas descrevendo eventos de 1948, 1956, 1967 (todas relacionadas com grandes momentos de tensão entre Israel e Palestina), a narrativa também se volta ao presente quando Sacco discorre suas opiniões e pensamentos acerca dos fatos narrados por suas testemunhas. Além do jornalismo em quadrinhos, observamos que elementos descritos por Edivaldo Pereira Lima como livro-reportagem de cunho histórico estão presentes em “Notas sobre Gaza”. Segundo Lima⁵², o livro-reportagem histórico “Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual”. Mesmo o passado sendo a pauta de sua reportagem, o presente se faz necessário para conectar o

⁵⁰ Mazur, Dan & Danner, Alexander. *Quadrinhos: História moderna de uma arte global*. Editora WMF Martins Fontes, 2014. p.237.

⁵¹ García, Santiago. *A novela gráfica*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p.275.

⁵² Lima, Edivaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004. p.54.

leitor aos acontecimentos narrados pelo jornalista.

Nesse mesmo formato que Joe Sacco publica “Notas sobre Gaza” no final de 2009 pela editora britânica Jhonatan Cape com o título original “*Footnotes in Gaza*”. Nesse segundo trabalho de Sacco na Palestina, o autor representa os testemunhos de palestinos que vivenciaram os dois ataques trágicos na Faixa de Gaza, um na aldeia de Khan Younis e outro na aldeia de Rafah. Ambos os ataques aconteceram durante a Guerra de Suez em 1956, disputada por um lado pelo Egito de Nasser⁵³ (que lutava pela nacionalização do canal de Suez) e, de outro, pelas forças unidas entre França, Inglaterra e Israel. Segundo Sacco, esses ataques contra as aldeias registraram mais de duzentos e cinquenta mortos. Apesar da enormidade desse desastre, o autor diz encontrar poucas referências sobre os ataques contra os palestinos em documentos ou livros na língua anglo-saxônica, sendo este um dos fatores que o motivaram a descrever esses acontecimentos por meio de testemunhos orais de pessoas que presenciaram os ataques na década de 1950. Outro ponto que deve ser destacado sobre as motivações do jornalista acerca desse conflito no Oriente Médio remete aos cortes editoriais que ele, juntamente com o jornalista Chris Hedge, sofreram ao entregar uma reportagem especial que produziram na Palestina para a revista *Harper’s*. Segundo Joe Sacco:

Uma vez em Khan Younis, dedicamos um dia todo a entrevistar testemunhas a respeito do

que tinha acontecido na cidade em novembro de 1956, durante a Crise do Canal de Suez, quando as forças militares israelenses promoveram uma breve ocupação à Faixa de Gaza, então controlada pelo Egito. Os homens e as mulheres de mais idade tinham muitas histórias a contar sobre pais e maridos mortos dentro da própria casa ou enfileirados nas ruas e fuzilados por soldados israelenses. Um desses entrevistados foi Abed El-Aziz El-Rantisi, membro do Hamas, o Movimento de Resistência Islâmica (que mais tarde foi morto por um míssil israelense). El-Rantsi, que tinha nove anos de idade em 1956, contou que seu tio foi assassinado, “Ainda me lembro do lamento e do choro do meu pai por seu irmão”, ele disse. “Não consegui dormir durante meses [...] Isso deixou uma ferida no meu coração que nunca vai cicatrizar. Estou quase chorando só de contar a história para vocês. Um ato como esse nunca pode ser esquecido [...] “Eles semearam o ódio em nossos corações”. Chris considerou que o ocorrido em Khan Younis em 1956 era uma parte importante da história da cidade, e escreveu vários parágrafos a respeito em seu artigo para *Harper’s*. No entanto, por alguma razão, esse trecho foi cortado pelos editores da revista⁵⁴.

Uma das causas pelas quais a revista *Harper’s* recusou esse trecho lembrado por El-Rantsi está muito mais relacionado com o grupo de que ele faz parte e com que se identifica do que simplesmente pelas palavras que representam a forte opressão

⁵³ Gamal Abdel Nasser (1918-1970), presidiu o Egito de 1954 até 1970.

⁵⁴ Sacco, Joe. *Notas sobre Gaza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.p.vii.

israelense contra os palestinos em 1956. El-Rantisi era um integrante do alto escalão do Hamas – grupo fundamentalista islâmico na Palestina. O Hamas nasceu nas entranhas do descontentamento com o Fatah e a Organização pela Libertação da Palestina (OLP) durante as negociações para a resolução da Primeira Intifada na Palestina. Descontentes com os rumos que os acordos em Oslo de 1993, encabeçado pelo então proeminente líder palestino Yasser Arafat, o Hamas surge como símbolo de resistência na luta palestina. Além do pertencimento de El-Rantisi ao Hamas, a chave para a compreensão da recusa por parte da *Harper's* em retirar o trecho de El-Rantsi do material de Sacco e Hedges também está elencada na conjuntura que circunda aos acontecimentos que antecedem a entrevista de El-Rantsi para Sacco e Hedges, ou seja, o 11 de setembro de 2001.

Primeiramente, não devemos nos esquecer de que a revista *Harper's* é uma revista cultural estadunidense de grande circulação. Ao mesmo tempo que Sacco e Hedges produzem o material pertencente à entrevista de El-Rantsi, os Estados Unidos ainda estavam se recuperando do grande desastre que foi o 11 de setembro de 2001 e lidando com as consequências desses atos. Conforme Peter Demand⁵⁵, “Os efeitos foram inestimáveis. O 11 de setembro, primeiro ataque contra o território norte-americano em quase dois séculos, levou o fundamentalismo muçulmano para dentro

de cada casa norte-americana, destruindo o sentimento de segurança da população”. Os ataques terroristas não são uma criação da Al-Qaeda para o início do século XXI, mas o terrorismo é desde muito tempo perpetrado por grupos mundo afora, e não necessariamente formado por árabes muçulmanos (se considerarmos o IRA⁵⁶, percebemos que até dentro da Europa existe essa prática). O ataque de Osama Bin Laden trouxe uma realidade distante para dentro dos Estados Unidos. As mortes e a destruição causadas por carros bombas e homens suicidas em lugares remotos aos Estados Unidos, agora também passaram a fazer parte da história estadunidense.

Em resposta aos ataques contra o *World Trade Center*, os Estados Unidos iniciaram uma agenda belicista denominada como agenda neoconservadora. O grupo neoconservador, segundo Francis Fukuyama⁵⁷, é formado por notáveis intelectuais judeus que frequentaram o *City College of New York* (CCNY) durante a segunda metade da década de 1930. Entre seus grandes nomes estavam Irving Kristol e Daniel Bell. Com uma linha de pensamento anticomunista e liberal, fundaram a revista *The Public Interest*, que tratava exclusivamente de política interna. Mas foi com Leo Strauss e Albert Wohlstetter que os neoconservadores passaram a dialogar com as ideias que circundavam a necessidade de um regime forte e soberano estrategista, que deveria utilizar da guerra preventiva como

⁵⁵ Demand, Peter. O mundo muçulmano. São Paulo: Contexto, 2013. p.289.

⁵⁶ Fundado em 1919 com o nome em inglês Irish Republican Army (IRA) por homens católicos na Irlanda do Norte que se opunham a anexação de seu país ao Reino Unido.

⁵⁷ Fukuyama, Francis. O dilema americano: democracia, poder e o legado do neoconservadorismo. Tradução de Novaldo Montigelli Jr. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p.26.

estratégia de segurança. Esses dois pontos, conforme aponta Fukuyama, foram cruciais na política externa estadunidense após o 11 de setembro de 2001. Na análise de Fukuyama:

Durante o primeiro mandato de George W. Bush na Presidência, os Estados Unidos foram atacados em seu próprio território pelo grupo islâmico radical al-Qaeda no maior ato terrorista isolado da história. O governo Bush reagiu àquele evento sem precedentes com novas políticas drásticas e amplas. Em primeiro lugar, criou uma agência federal inteiramente nova, o Departamento de Segurança Interna, e fez com que o Congresso aprovasse a Lei Patriota (Patriot Act), concebida para dar maiores poderes às autoridades políticas na ação contra suspeitos de terrorismo. Em segundo lugar invadiu o Afeganistão, um país sem litoral, situado no outro lado do mundo, e depôs o regime talibã que havia dado abrigo ao al-Qaeda. Em terceiro, anunciou uma nova doutrina estratégica de ação preventiva – na verdade, uma doutrina de guerra preventiva – que levaria a guerra até o inimigo, em vez de se basear em dissuasão e contenção, que eram as bases da política da Guerra Fria. E, em quarto lugar, invadiu o Iraque e depôs o regime de Saddam Hussein com base na alegação de que ele possuía ou estava planejando adquirir armas de destruição em massa⁵⁸.

Assim sendo, os neoconservadores haviam alinhavado uma agenda para a política externa estadunidense que visava, acima de tudo colocar os Estados Unidos como o grande protagonista no mundo mais uma vez. Tendo em vista que após o fim da Guerra Fria ocorreu a unipolaridade nas relações de poder no mundo, sendo os Estados Unidos a potência dominante, essa soberania não trouxe somente o sabor da vitória para o bloco capitalista, mas também a ansiedade de lidar com sua nova posição. Os neoconservadores faziam parte então de um grupo de intelectuais que ansiavam para o surgimento de uma nova oportunidade para que a “tranquilidade” pós-Guerra Fria fosse rompida, a fim de assegurar o *status quo* de potência hegemônica dos Estados Unidos. Essa oportunidade surgiu em 2001, com Osama Bin Laden e a Al-Qaeda. Tal como havia acontecido com os ataques contra *Pearl Harbor*, os ataques de setembro de 2001 foram o estopim necessário para levar os Estados Unidos a uma nova era de hegemonia⁵⁹.

Hoje sabemos que os Estados Unidos em pouco menos de uma década invadiram dentro do Oriente Médio, tanto o Afeganistão (2001) como o Iraque (2003) como medidas retaliativas aos ataques às Torres Gêmeas. Mas uma coisa chama muita atenção sobre essa aventura estadunidense no Oriente Médio, como o governo norte-americano conseguiu mobilizar a opinião pública a apoiar esses ataques? Sobre a mobilização da opinião pública, Noam

⁵⁸ Fukuyama, Francis. O dilema americano: democracia, poder e o legado do neoconservadorismo. Tradução de Novaldo Montigelli Jr. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p.16.

⁵⁹ Anderson, Perry. A política externa norte-americana e seus teóricos. São Paulo: Boitempo, 2015. p.167.

Chomsky⁶⁰ é muito crítico à maneira como os Estados Unidos conduzem suas relações públicas. Chomsky ressalta que a propaganda política patrocinada pelo Estado e apoiada pelas classes instruídas pode ter consequências importantes. Sendo assim, o autor observa que a propaganda política está para a democracia assim como um porrete está para um Estado totalitário. Bem fundamentada e recebida por intelectuais e pessoas expressivas, a propaganda política não abre brechas para a contestação, legitimando assim a ideia propagada pelo Estado. Conforme essa visão de mundo de Chomsky, o Estado considera a população como um rebanho a ser orientado, para o qual a programação interativa e esportiva nem sempre é suficiente para suprir essa necessidade de mantê-lo orientado, por isso, é importante também construir um inimigo em comum que possa a qualquer momento, ser responsabilizado pelos problemas nacionais.

A partir de então, começa a se desenhar um sistema de representações que visava à propaganda e à construção de um inimigo estadunidense. Assim como os nazistas e os japoneses foram o grande mal a ser combatido durante a Segunda Guerra Mundial e os soviéticos durante a Guerra Fria, o fundamentalismo islâmico começa a ser desenhado como o novo inimigo do Estado. Segundo Jan Nederveen Pieterse⁶¹, “Para muitos americanos criados à sombra

da indústria do Holocausto, isso parece bastante razoável. Assim, as guerras no Afeganistão e no Iraque foram apresentadas como ‘guerras de civilização’, a guerra contra o terror é a ‘guerra ideológica da nossa geração’ e contra o ‘fascismo’”. Na mesma ressonância que Pieterse, o historiador britânico Eric Hobsbawm⁶² alerta sobre os perigos que esse medo irracional, perpetrado pelo governo dos Estados Unidos e da Inglaterra, que tentam justificar as guerras no Oriente Médio como uma guerra contra o terror, na verdade não passam de um pano de fundo para esconder as reais intenções de Washington; expandir sua política imperial pelo mundo.

É dentro desse quadro histórico que “Notas sobre Gaza” ganha seus primeiros contornos. Enquanto os olhos do mundo estavam direcionados para as catástrofes do 11 de setembro e suas consequências – Guerra no Afeganistão e a Guerra no Iraque –, uma pequena nota de rodapé era escrita dentro dessa conjuntura, ou seja, a escalada de violência na Palestina. Apesar do conflito entre Israel e Palestina estender-se de 1948 até o presente momento, o que chama atenção para o contexto no qual Sacco produz seu trabalho é o notável aumento no número de mortos na região. Esse crescimento vertiginoso em relação à violência na região pode ser conferido com base nos estudos levantados pelo *Uppsala Conflict Data Program*, que apuram o número de mortos por meio de atos de

⁶⁰ Chomsky, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.p:10-13.

⁶¹ Nederveen Pieterse, Jan. “O fim do império americano?: Os Estados Unidos depois da crise”. São Paulo: Geração Editorial, 2009. p.40.

⁶² Hobsbawm, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Tradução: José Veigas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

violência pelo mundo desde 1989. Ao restringirmos a busca para o conflito entre Israel e Palestina, observamos que entre 2001 e 2010 (período que Joe Sacco produz “Notas sobre Gaza”), houve cerca de 3854 mortes ocasionadas por meios violentos. Enquanto isso, a amostragem da década anterior (1991-2000), registra o número de 536 mortos na região⁶³.

Mas o que o conflito entre Israel e Palestina tem a ver com o desenrolar da agenda neoconservadora estadunidense e a guerra contra o terrorismo? Responder essa questão é crucial para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois só assim podemos compreender a conexão entre “Notas sobre Gaza” e o período de sua produção. O elo entre o conflito israelo-palestino e os Estados Unidos faz-se por meio da necessidade de os Estados Unidos ter Israel como seu maior aliado no Oriente Médio enquanto coloca em prática sua agenda neoconservadora. Como aponta Perry Anderson⁶⁴, “A destreza militar de Israel poderia, com efeito, ser útil para Washington. Contraproducente quando aliada ao colonialismo anglo-francês em 1956, ela havia infligido uma humilhação bem-vinda ao nacionalismo árabe de tendência soviética em 1967, ajudado a entregar o Egito aos Estados Unidos em 1973 e incapacitado a OLP ao distanciá-la do Líbano em 1982”.

Portanto, a partir desse recorte surge a hipótese norteadora dessa pesquisa, ou seja, será então que “Notas sobre Gaza” não tenha

sido produzida somente com o objetivo de representar os massacres às aldeias de Khan Younis e Rafah em 1956, mas também em representar os massacres que estavam acontecendo na Palestina enquanto produzia seu trabalho? Para que possamos verificar essa questão, faremos o recorte temporal entre fevereiro de 2006 a abril de 2006. A delimitação desse recorte temporal faz menção aos três meses subsequentes à vitória do Hamas nas eleições legislativas na Palestina. Em uma eleição acirrada contra o Fatah (então apoiada pelos Estados Unidos), o Hamas obteve a maioria dos assentos na Assembleia Legislativa no final do mês de janeiro. Mesmo sob ameaça de findar as negociações de paz por parte de Israel e pelos Estados Unidos, o Hamas toma posse e desencadeia uma rede de acontecimentos que envolveram mortes tanto na Palestina como em Israel. Partindo dessa situação, analisaremos tanto “Notas sobre Gaza” como também documentos oficiais das Nações Unidas e reportagens do *The New York Times*, para compreendermos os sistemas de representações que estavam sendo produzidos nos Estados Unidos acerca dos acontecimentos no Oriente Médio e, conseqüentemente, legitimando as ações de Israel contra os palestinos.

Para isso, utilizaremos como referencial teórico o conceito de representações do historiador francês Roger Chartier. Conforme suas palavras “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico

⁶³ UCDP. Uppsala Conflict Data Program. Disponível em: <https://ucdp.uu.se/#conflict/234> Acesso em: 2 ago. 2019.

⁶⁴ Anderson, Perry. A política externa norte-americana e seus teóricos. São Paulo: Boitempo, 2015. p.111.

fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proféticos com a posição de quem os utiliza⁶⁵". Portanto, as representações não são objetos naturais, mas sim construções humanas que objetivam introduzir no outro uma verdade, ou a verdade que um grupo ou pessoa deseja que seja a sua visão de mundo considerada a "verdade". Dessa maneira, observaremos a existência de sistemas de representações, no qual encontramos de um lado do polo, os neoconservadores e todos aqueles que apoiavam a ideia da hegemonia benevolente estadunidense e a legitimidade de seus atos e do Estado de Israel no Oriente Médio. No outro polo dos sistemas de representações, observamos trabalhos como os de Joe Sacco e Chris Hedge que, de alguma forma, tentam tecer suas críticas contra a postura adotada pelos Estados Unidos e seus aliados na guerra contra o terrorismo. É importante ressaltar que não é nosso objetivo identificar a sobreposição de um sistema de representações sobre o outro, pois não é de nosso interesse saber se houve a predominância de um sistema, mas sim analisar e averiguar como são tecidos esses sistemas e como eles se relacionam, até mesmo entre si, na tentativa de representar a sua verdade sobre o mesmo acontecimento.

Metodologicamente, estaremos atentos em analisar "Notas sobre Gaza" em dois momentos distintos, sendo o primeiro uma análise que denominaremos aqui como

externa e uma segunda análise interna. Para analisarmos externamente nossa fonte e objeto de pesquisa, nos pautamos nas palavras de Jean Starobinski acerca da análise de obras literárias. Segundo Starobinski:

Se partirmos para os projetos mais antigos, perceber-se-á como a obra, em seu começo, opõe-se e combina-se com textos antecedentes, assimila e transforma livros precursores: a sua originalidade, a sua individualidade destaca-se contra um fundo constituído pela massa coletiva de recursos de linguagem, das formas literárias recebidas, das crenças, dos conhecimentos, que ela reativa, critica, e ao qual se acrescenta. São outras tantas camadas e acidentes de terreno (com fontes, afluentes, elevações), em que a obra escolhe o seu local e sua vizinhança⁶⁶.

Dessa forma, estaremos atentos a vários outros elementos que circundam a produção de "Notas sobre Gaza". É importante ressaltar aqui que não estamos tratando a fonte de pesquisa como sendo exclusivamente uma obra literária. O que nos leva a adotar essa postura diante dessa fonte de pesquisa é a necessidade de analisar o suporte material em que foi publicado, ou seja, em formato de livro. Ao considerar sua materialidade livresca, podemos dialogar com outras visões de mundo contidas em reportagens de jornais, documentos oficiais das Nações Unidas e até mesmo de outros livros ou HQ's. Essa análise externa não exclui a necessidade de também analisarmos

⁶⁵ Chartier, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990. p.17.

⁶⁶ Starobinski, Jean. *A literatura: o texto e o seu intérprete*. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976. p.134.

os elementos que compõem o gênero a que “Notas sobre Gaza” é pertencente, ou seja, ao gênero das HQ’s. Por isso, a análise interna de nossa fonte de pesquisa nos permitirá observar os elementos essenciais da linguagem própria da arte sequencial e, assim, decodificar as mais variadas representações expostas por seu autor.

Terrorismo ou resistência?

Nas próximas páginas, analisaremos os acontecimentos relacionados aos desdobramentos após a vitória do Hamas para o corpo legislativo palestino, ocorrido nos dias finais de janeiro de 2006. O recorte temporal foi demarcado entre fevereiro e abril de 2006, período correspondente aos três primeiros meses após as eleições na Palestina. A escolha por esse recorte remete também à forma pela qual a fonte de pesquisa foi manufaturada por seu produtor. Em quase todas as páginas de “Notas sobre Gaza”, Sacco deixou registrada a data em que foi desenhada e isso colaborou em nossa pesquisa para que recortes temporais fossem delimitados, facilitando, assim, a busca por relações entre o material produzido pelo jornalista e os acontecimentos na Palestina. Após a delimitação do recorte temporal, o acervo digital das Nações Unidas foi de grande valia. Em meio a tantos documentos emitidos pelas Nações Unidas acerca da questão na Palestina, foi exequível balizar alguns eventos corriqueiros nas relações entre Israel e Palestina e circunscrever palavras-chave para pesquisas futuras nos periódicos estadunidenses. Após a consulta as Nações

Unidas, foi então que o acervo digital do *The New York Times* foi consultado com base nas palavras-chave definidas no processo anterior. Esse método possibilitou que os documentos das Nações Unidas e as reportagens do *The New York Times*, um dos maiores periódicos estadunidenses, fossem comparados com o material produzido por Sacco.

Em “Notas sobre Gaza”, Sacco registrou entre fevereiro de 2006 e abril do mesmo ano, dois subcapítulos, o primeiro intitulado como “Os *fedayeen*, parte 2” e o segundo denominado como “Conspiração”. Esse conjunto de subcapítulos constitui dezessete páginas que discorrem sobre a ofensiva *fedayeen* contra Israel em agosto de 1955 e o contra-ataque perpetrado por Moshe Dayan. Na narrativa de Sacco, o subcapítulo é a representação de um ciclo vicioso nas relações entre Israel e Palestina. No início da narrativa, temos uma personagem denominada como “velho *fedayeen*” que discorre sobre a investida do grupo contra Israel em agosto de 1955. Essa investida causa algumas baixas israelenses, que geram retaliação por parte de Israel. A retaliação israelense é revidada pelos *fedayeen* que causam o bombardeio a uns kibutzim israelenses, levando à morte de civis. Mais uma vez Israel revida o ataque e causa a explosão de um vilarejo. As mortes palestinas novamente acarretam um ataque palestino contra os israelenses que, por fim, diferem um último golpe cirúrgico e pontual contra os palestinos.

Além da representação do ciclo de ataques, algo que chama atenção nesse momento é a periodicidade do subcapítulo “Os *fedayeen*,

parte 2". Enquanto a maioria dos subcapítulos de "Notas sobre Gaza" foram confeccionados no período de um mês, "Os *fedayeen*, parte 2" foi produzido em três meses, colocando assim em evidência esse capítulo em específico, pois, tal como a narrativa do "velho *fedayeen*" é apresentado o ciclo de violência entre Israel e Palestina em 1955, pode-se também observar um ciclo muito parecido desencadeado após as eleições de janeiro de 2006. Outro elemento que chama atenção é o próprio título, que traz o termo "*fedayeen*". Sacco representa os *fedayeen* como um grupo paramilitar palestino que foi incorporado pelo exército egípcio na crise de Suez. Portadores de armas mais rudimentares que os israelenses e os próprios egípcios, armas essas doadas pelo exército de Nasser, tinham a função de "[...] atacar e fugir! Fugir bem depressa! Quando nós atacávamos, se morressem com nossos e dois deles, já ficávamos satisfeitos⁶⁷." [Trecho citado por "velho *fedayeen*"]. Apesar de haver vacilos nas condutas de alguns *fedayeen*s expostas pelo jornalista, o grupo sempre é representado como defensor dos interesses palestinos durante o conflito entre Israel e Egito.

Por outro lado, as poucas referências encontradas para o termo "*fedayeen*" nos leva a compreender um significado totalmente diferente a essa representada por Sacco em "Notas sobre Gaza". O eminente advogado estadunidense e professor de Havard, Alan Dershowitz, reconhecido por sua postura pró-Israel e

pelas desavenças com o professor judeu Normam Finkelstein e com Noam Chomsky, discorre que:

Entre 1948 e 1967, os *fedayin* (sic) palestinos [combatentes da guerrilha palestina], subvencionados pelo Egito e pela Síria, assassinaram civis israelenses em centenas de incursões através das fronteiras. Esses assassinatos ocorreram antes de Israel ter ocupado qualquer terra palestina ou construído quaisquer colônias fora da área que controlava, de acordo com as participações da ONU e o cessar-fogo que se seguiu ao ataque de 1948 contra o recém-estabelecido Estado judeu⁶⁸.

Conforme a visão de mundo de Dershowitz, os *fedayeen* se constituíam de um grupo de assassinos que desde antes da formação do Estado de Israel já praticavam o terror contra os judeus. O especialista em Oriente Médio, Bernard Lewis, disserta que a etimologia da palavra *fedayeen* advém do árabe *fida'i*, que significa "aquele que está pronto para sacrificar a sua vida por uma causa". Lewis ainda discorre que o termo reapareceu no século XX, primeiramente no Irã, em 1943, com o grupo terrorista Fida'i Yan-i Islã. O termo foi revivido na década de 1960, pela Organização pela Libertação da Palestina (OLP), e estava ligado às atividades terroristas administradas pelo grupo de Yasser Arafat⁶⁹. Portanto, tanto para Dershowitz quanto para Lewis, os *fedayeen* são representados como praticantes de atividades terroristas no Oriente Médio. Partindo desse ponto de vista, o fato de

⁶⁷ Sacco, Joe. Notas sobre Gaza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.63.

⁶⁸ Dershowitz, Alan. Em defesa de Israel.; tradução Mario R. Krausz – São Paulo: Nobel, 2004. p.189.

⁶⁹ Lewis, Bernard. A crise do islã: guerra santa e terror profano; tradução, Maria Lúcia de Oliveira, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p.135.

Sacco intitular um subcapítulo como “*fedayeen*” nos leva a pensar se, enquanto ele produzia essas páginas, não estava interligando a vitória do Hamas e suas consequências (retaliação por parte de Israel e Palestina) com a própria história dos *fedayeen* narrada em suas páginas. Ou seja, enquanto intelectuais como Dershowitz e Lewis representavam os *fedayeen* como terroristas, Sacco os representava como defensores da Palestina. Transportando essa análise acerca do significado dos *fedayeen* para o período de produção de “Notas sobre Gaza”, enquanto o *The New York Times* salientava a recusa de Israel e dos Estados Unidos em negociar a paz com o Hamas, culpando o grupo por não rejeitar o terrorismo e a negação do Estado de Israel, por outro lado, não estaria Sacco representando o Hamas como a resistência e os defensores palestinos, tal como os *fedayeen* foram um dia?

Quando a vitória do Hamas foi anunciada tanto os Estados Unidos como Israel pronunciaram que não negociariam com o Hamas enquanto ele não renunciasse ao direito de existência do Estado de Israel e abandonasse a luta armada. Em 27 de janeiro de 2006, concomitante com o anúncio da vitória nas eleições, o *The New York Times* redigia que a Secretária de Estado, Condoleezza Rice, iria para reunião em Londres com os altos-funcionários da Europa, Nações Unidas e Rússia solicitar o corte na ajuda humanitária e financeira à Palestina enquanto o Hamas não

renunciassem aos dois pontos (terrorismo e negação de Israel) para retornar as negociações de paz⁷⁰. A partir de então, a Palestina passou a sofrer com os bloqueios de alguns pontos de acesso na fronteira que possibilitavam a chegada de comboios transportando os mantimentos e medicamentos necessários para a regularidade da manutenção de vida na região. Também ocorreram bloqueios econômicos e várias incursões militares por parte de Israel. Essas ações levaram a um estado de calamidade dentro da Palestina, visto que nem os mantimentos chegavam com regularidade como também o bloqueio financeiro impossibilitava o pagamento dos funcionários de segurança da Autoridade Palestina, situação essa que beirou uma catástrofe humanitária na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.

Nesse momento já é possível averiguar a condição pela qual o Hamas é representado corriqueiramente pelos emissários do *The New York Times*. Nesses meses que se seguiram à vitória do Hamas, o periódico estadunidense sempre deixou claro em suas reportagens que tanto os Estados Unidos como Israel não negociariam com o grupo palestino enquanto eles não rejeitassem suas ambições, sempre afirmando que o desarmamento e a aceitação do Estado de Israel constituíam os pontos cruciais para continuação nas negociações de paz e o bom andamento entre Israel e Palestina. No entanto, a caracterização do Hamas como um grupo terrorista que pauta somente a

⁷⁰ The New York Times, Rice Admits U.S. Underestimated Hamas Strength. 2006a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/23/world/middleeast/us-spent-19-million-to-aid-fatah-in-palestinian->

<elections.html?mtrref=www.google.com&gwh=C8FC7566020B4562D71A637C77BC1B55&gwt>. Acesso em: 3 ago. 2019.

violência e a brutalidade em suas relações, forçando assim que Israel deva contra-atacar, não é um discurso exclusivo dos periódicos estadunidenses. Dershowitz é um dos grandes intelectuais estadunidenses que endossam esse discurso. Conforme suas palavras:

Além disso, alguns dos principais grupos terroristas, tais como o Hamas, o Jihad Islâmico e o Hezbollah, opõem-se à existência de Israel e rejeitam a criação de um Estado palestino na margem ocidental e em Gaza. Juraram continuar o terrorismo contra os judeus de Israel até que toda Palestina seja libertada e nenhum centímetro dela esteja sob controle judeu. Para eles, a mera contiguidade é irrelevante. Eles querem tudo⁷¹.

É possível verificar que a estratégia dos Estados Unidos e de Israel é de minar o Hamas nos primeiros dias do mês de fevereiro com o intuito de levar a população ao descontentamento e forçar novas eleições. O porta voz das Nações Unidas, Kofi Annan anunciou, no dia 07 de fevereiro que é com preocupação que as Nações Unidas observavam os assassinatos seletivos que Israel vinha perpetrando na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Mesmo considerando que Israel tinha o direito de defender seus cidadãos, os assassinatos seletivos cometidos pelas Forças de Defesa de Israel colocavam inocentes palestinos sob grave risco⁷². No entanto, a informação de Kofi Annan, na condição de porta voz das Nações Unidas, não descrevia ou exemplificava

nenhum caso de agressão que pudesse esclarecer melhor quais seriam esses casos de assassinatos seletivos por parte de Israel. Somente quando observamos a carta enviada para as Nações Unidas pelo embaixador do Observatório Permanente na Palestina das Nações Unidas, Riyad Mansour é que obtemos detalhes das ações militares israelenses:

Na semana passada, as forças de ocupação israelenses realizaram seis ataques extrajudiciais separados, resultando na execução de doze palestinos e no ferimento de vários outros. De fato, as forças de ocupação israelenses cometeram três das execuções extrajudiciais em menos de oito horas. A mais recente dessas execuções extrajudiciais ocorreu hoje, 7 de fevereiro de 2006, enquanto a presente carta estava sendo redigida. A este respeito, dois palestinos foram mortos quando as forças de ocupação israelenses dispararam dois mísseis de um helicóptero que tinha como alvo um carro na cidade de Gaza. Além disso, as forças de ocupação israelenses continuaram com seu ataque com bombardeio de artilharia no norte de Gaza, bombardeando uma ponte e seis estradas. Uma granada atingiu uma casa, ferindo gravemente uma menina de 15 anos. Em outro incidente na cidade de Nablus, na Cisjordânia, Ahmed Radad foi morto instantaneamente pelas forças de

⁷¹ Dershowitz, Alan. Em defesa de Israel.; tradução Mario R. Krausz – São Paulo: Nobel, 2004. p.150.

⁷² United Nations, Secretary General Urges Middle East parties to avoid escalation of violence, following targeted

killings, rocket attacks. 2006b. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-201043/>. Acesso em: 3 ago. 2019.

ocupação israelenses durante um ataque matinal.⁷³

Na descrição de Mansour, datada do dia 07 de fevereiro, os ataques israelenses contra a Palestina ocorriam de forma corriqueira tanto na Cisjordânia quanto na Faixa de Gaza, ceifando vidas e destruindo a infraestrutura das cidades alvos. As mortes descritas na carta por Mansour não se delimitava a essas apresentadas nesse trecho. Em outros momentos de sua carta para o Conselho de Segurança, o embaixador listou vários outros casos em que a força excessiva foi empreendida na Palestina após o final de janeiro. É importante observar que o método de operação se repete, ataques aéreos com helicópteros atingindo carros e destruindo tudo em seu entorno. Enquanto Mansour escrevia essa e outras cartas para as Nações Unidas descrevendo a situação em que se encontrava a Palestina diante dos ataques israelenses, o *The New York Times* em poucas oportunidades descrevia os acontecimentos na Palestina. A reportagem

do dia 25 de fevereiro, assinada por Steven Erlanger, descrevia os acontecimentos recentes na Palestina:

Soldados israelenses mataram dois palestinos que disseram estar colocando bombas ao longo da cerca da fronteira na Faixa de Gaza. Um dos homens mortos era Zayan Dukhan, filho de um novo legislador do Hamas, Abdel Fattah Dukhan. Mais tarde, mísseis israelenses atingiram um carro de um grupo de palestinos lançando um foguete através da fronteira de Gaza em direção a Israel. Um militante do Hamas morreu quando uma bomba explodiu, enquanto ele e outros militantes treinavam. Na cidade de Nablus, na Cisjordânia, tropas israelenses suspenderam uma operação de seis dias na qual uma fábrica de explosivos foi destruída, oito palestinos foram mortos e dezenas foram feridos, e 14 homens procurados foram presos, segundo o Exército. O presidente palestino, Mahmoud Abbas, pediu ao Conselho de Segurança da ONU para se reunir para discutir a operação israelense.⁷⁴

⁷³ [No original]: In the past week, Israeli occupying forces have carried out six separate extrajudicial attacks, resulting in the execution of twelve Palestinians and the injury of several others. In fact, Israeli occupying forces committed three of the extrajudicial executions in less than an eight-hour period. The most recent of these extrajudicial executions occurred today, 7 February 2006, while the present letter was being drafted. In this connection, two Palestinians were killed when Israeli occupying forces fired two missiles from a helicopter gunship targeting a car in Gaza City. Moreover, Israeli occupying forces continued with its raid and artillery bombardment in northern Gaza, bombing a bridge and six roads. One shell hit a home, critically injuring a 15-year-old girl. In another incident in the West Bank town of Nablus, Ahmed Radad was killed instantly by Israeli occupying forces during an early morning raid. (Tradução Livre). United Nations. Secretary General

Urges Middle East parties to avoid escalation of violence, following targeted killings, rocket attacks. 2006b. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-201043/>. Acesso em: 3 ago. 2019.

⁷⁴ [No original]: Israeli soldiers killed two Palestinians they said were planting bombs along the border fence in the Gaza Strip. One of the dead men was Zayan Dukhan, the son of a new Hamas legislator, Abdel Fattah Dukhan. Later, Israeli missiles hit a car of a group of Palestinians launching a rocket across the Gaza border toward Israel. In another incident, a Hamas militant died when a bomb he was making as he trained other militants blew up. In the West Bank town of Nablus, Israeli troops suspended a six-day operation in which an explosives factory was destroyed, eight Palestinians were killed and dozens wounded, and 14 wanted men were arrested, the army said. The Palestinian president, Mahmoud Abbas, called

Fica evidente a distinção entre a descrição de Mansour para as Nações Unidas e de Erlanger no *The New York Times*. Além do detalhe da descrição de Mansour, suas palavras apresentam um Estado de Israel na posição de atacante que mata de forma deliberada palestinos. Em sua carta não é mencionada em nenhum momento, a ligação entre os mortos palestinos com nenhum grupo terrorista. Por outro lado, Erlanger é muito mais econômico em seus detalhes e relaciona os mortos palestinos sempre com alguma filiação aos grupos fundamentalistas islâmicos. A descrição apurada e detalhada de mortos palestinos não é realizada com tanta precisão no *The New York Times* tal como acontece com as correspondências oficiais de Mansour para as Nações Unidas. A primeira impressão é que em um conflito belicoso como acontece entre Israel e Palestina, a descrição de baixas por ambos os lados não tenha tanta relevância para um jornal como o *The New York Times*.

No entanto, um fato acontecido no dia 17 de abril de 2006 parece um caso interessante para análise. Nesse dia, o grupo Jihad Islâmica realizou um ataque suicida em Tel-Aviv. Greg Myre e Dina Kraft descreveram no *The New York Times* que esse tinha sido o mais mortífero ataque contra Israel em dois anos. Além de matar nove israelenses, o ataque deixou mais de sessenta pessoas

feridas. Dentre os feridos, Myre e Kraft descreveram para o periódico que “Cerca de 60 pessoas ficaram feridas, incluindo dois primos, David Manshirov, 17, e Jahoun Ismilov, 17, que trabalhavam na cozinha e também foram feridos no atentado de janeiro. [...] Manshirov disse que sua família, que emigrou há três anos da Geórgia, a antiga república soviética, era pobre, então ele não teve escolha a não ser continuar trabalhando no restaurante⁷⁵”. Nesse caso, as vítimas possuem uma história. A Palestina não ceifou a vida de agentes terroristas, mas quase matou dois jovens judeus pobres que trabalhavam em uma cozinha israelense para se sustentar. Assim sendo, existe uma diferença de tratamento aos mortos conforme o lado da cerca que ele está. O palestino sempre está ligado ao terrorismo e por esse motivo sua morte é justificada. A vítima israelense possui nome, idade, profissão e uma história de vida.

on the United Nations Security Council to meet to discuss the Israeli operation (Tradução livre). THE NEW YORK TIMES. World Briefing | Middle East: Violence Between Israeli Forces and Palestinian Militants Escalates. 2006d. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/02/25/world/world-briefing-middle-east-violence-between-israeli-forces-and.html>. Acesso em: 4 ago. 2019.

⁷⁵ [No original]: About 60 people were wounded, including two cousins, David Manshirov, 17, and Jahoun

Ismilov, 17, who worked in the kitchen and were also hurt in the January bombing. [...] Mr. Manshirov said his family, which emigrated three years ago from Georgia, the former Soviet republic, was poor, so he had no choice but to keep working at the restaurant. (Tradução livre). THE NEW YORK TIMES, Suicide Bombing in Israel Kills 9; Hamas Approves. 2006b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/04/18/world/middleeast/18mideast.html>. Acesso em: 8 ago. 2019.



Imagem 1: Representações de jovens palestinos e israelenses mortos na crise de Suez de 1955. Fonte: SACCO, 2011, p.73.

Em “Notas sobre Gaza”, um caso análogo é registrado por Sacco. Conforme a imagem 1, podemos observar uma página inteira desenhada por Sacco em abril de 2006. No primeiro requadro [canto superior esquerdo] é possível verificar que, após um ataque israelense contra a Faixa de Gaza, comandada por Moshe Dayan em retaliação contra o ataque dos *fedayeen* a uns kibutzim israelenses, em uma imagem desenhada de forma a colocar o leitor como se estivesse sentado ao chão, há um jovem palestino deitado junto a outros mortos pelo ataque. Esse jovem palestino é o único no requadro que possui o rosto desenhado. Seu rosto está ensanguentado, com o olhar de desespero entre outros mortos que não possuem rostos. Na segunda linha de requadros, é possível observar dois jovens israelenses, desenhados em linha de mergulho, o que representa a situação de inferioridade de ambos na linha de visão do leitor, que estão com a expressão gélida, deitados sobre suas

grandes poças de sangue. A distinção como o jovem palestino é representado por Sacco difere da maneira como o jornalista representou os outros dois jovens israelenses. O jovem palestino é desenhado junto de outros palestinos, só ganha sua notoriedade e tem seu rosto representado porque a perspectiva na qual o leitor é colocado a observar a imagem faz com que seja possível enxergar seu rosto. Mas ele não deixa de ser somente mais um entre tantos outros mortos que compõem a imagem com ele. Por outro lado, os jovens israelenses quase que protagonizam o requadro em que são representados, compartilhando o espaço somente com um sapato cujo dono não ganha notoriedade e um livro que eleva os jovens israelenses na condição de estudantes.

Essa análise ambivalente entre o jovem palestino em contraste com os jovens israelenses assemelha-se muito com a atenção dispensada pelo *The New York Times* ao representar o conflito entre Israel e Palestina. Os israelenses possuem rostos, possuem uma história e encontram-se vitimadas pelas atrocidades do terrorismo. Estados Unidos e Israel não podem negociar com um grupo terrorista eleito democraticamente e, por isso, quando atacam a Palestina, não estavam matando civis inocentes, mas sim terroristas que se preparavam para atacar. O atentado de 17 de abril de 2006 é representado pelo *The New York Times* como uma atrocidade palestina que precisa ser retaliada. Nessa perspectiva, é como se o ataque terrorista iniciasse um ciclo, ciclo esse que só pode ser finalizado com a legitimidade de Israel atacar de volta

como forma de defender sua população. Quando os mortos palestinos são associados aos grupos terroristas e os mortos israelenses representados como pobres jovens que trabalhavam para se sustentar, é reforçado o discurso de legitimidade de ataque israelense. “Os *fedayeen*, parte 2” representa muito bem essa dinâmica, ou seja, a busca de legitimidade do contra-ataque e o início do ciclo de violência. Tal como em 1955, que Israel atacou fortemente a Palestina após atacarem um *kibutz*, a violência não foi motivada pela recusa dos Estados Unidos e de Israel em aceitar a vitória democrática do Hamas nas urnas, o que levou a Palestina a uma crise humanitária, mas pelo ataque terrorista em abril de 2006, que quase matou dois pobres jovens israelenses.

Mais adiante no mesmo capítulo de “Notas sobre Gaza”, Sacco traz a luz outra discussão acerca da relação entre o presente e o passado na Palestina. A questão levantada nesse momento é sobre a intensidade e a disparidade entre o poderio bélico entre Israel e Palestina. Quando Sacco e seu guia se dirigem para a casa de um homem idoso cuja identidade é mantida no sigilo por cuidados com a preservação de sua vida, todos conversam sobre os ataques cometidos pelos *fedayeen* em 1955 contra os vilarejos de colonos judeus. Esse senhor que tem sua identidade preservada se apresenta como sendo um dos *fedayeen* que estiveram presentes nos ataques aos vilarejos israelenses, ataques esses que iniciaram um longo processo de represália contra os palestinos. Segundo ele, o objetivo desses

ataques era “[...] disseminar o pânico e o medo naqueles assentamentos, impedir que viessem mais imigrantes⁷⁶”. O resultado dessa operação foi a baixa de cinco soldados israelenses e dez civis colonos.



Imagem 2: Ataque dos *fedayeen* aos acampamentos israelenses em agosto de 1955. Fonte: SACCO, 2011, p.65

⁷⁶ SACCO, Joe. Notas sobre Gaza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.66.



Imagem 3: Contra-ataque do exército de Israel em 1955. Fonte: SACCO, 2011, p.69

Conforme a imagem 2, podemos observar um conjunto de quatro requadros. Esse conjunto de requadros se destaca na página por ter elementos mais enegrecidos em seus detalhes e a riqueza de leves riscos tracejados que colaboram nessa perspectiva obscura na descrição gráfica. A mudança para um tom mais escuro na narrativa gráfica é um elemento muito utilizado pelo autor em seu trabalho, esse recurso é empreendido em momentos de descrição de memórias. No primeiro requadro encontramos dois *fedayeen* em direção a algumas barracas em que se encontram soldados israelenses. No segundo requadro, soldados israelenses são representados

sendo acordados de surpresa. Além disso, no primeiro plano desse segundo requadro, é possível observar a expressão de dor do soldado recém acordado. Na região de seu peito existe o ferimento de bala ocasionado pelo rifle ainda fumegante do *fedayeen*. No terceiro requadro outro soldado é abordado pelos *fedayeen*. Nessa imagem, a composição do requadro dá a impressão de que o leitor estaria em posse do fuzil que intimida o soldado israelense. Elemento conhecido como câmera subjetiva, esse recurso colabora em uma maior experiência de imersão para o leitor. Colocar então o leitor como parte da narrativa, por meio da câmera subjetiva, o autor tem a intenção de inseri-los na mesma experiência memorial que presenciou na companhia do *fedayeen*. Os dois últimos requadros são compostos pela ação do *fedayeen* ao discorrer sobre a finalização de suas ações no acampamento israelense. No primeiro momento ao atirar contra um soldado que não é representado na imagem e no segundo momento em que, com uma faca, retira a orelha do soldado abatido. Em letras que se destacam das demais, o “VÁ PARA O INFERNO” representado por Sacco descreve o ódio que o *fedayeen* narra suas memórias.

A construção dessa narrativa gráfica corresponde ao *modus operandi* dos *fedayeen* em suas investidas. Mais adiante na narrativa, o velho *fedayeen* confessa à Sacco que após retirar a orelha de todos os soldados elas eram entregues ao superior Mustafa Hafez, um coronel egípcio, como prova da ação palestina contra os israelenses.

Em outro momento da narrativa, Sacco apresenta aos seus leitores a figura de um segundo palestino. Ao contrário do senhor *fedayeen* que tem sua identidade preservada, esse segundo palestino é apresentado como Hassan Hammad Abu Sitta. Enquanto o idoso descrevia a investida palestina contra os colonos israelenses, Sitta dizia que ele estava presente no dia em que os israelenses resolveram contra-atacar os palestinos por causa dos ataques aos vilarejos israelenses. Na narrativa de Sitta, em 31 de agosto de 1955, os israelenses atacaram o quartel policial da aldeia de Khan Younis. Sitta era um dos policiais que se encontravam no quartel naquela noite. Mal foram avisados por telefone que os israelenses começariam um ataque, uma bomba fora lançada e havia acertado o quartel. Na confusão, policiais e soldados que estavam do lado de dentro queriam sair e os que se encontravam do lado de fora queriam entrar, proporcionando um momento de desespero para aqueles que se encontravam no prédio. A intensidade dos bombardeios, segundo Sitta se intensificava a cada minuto. Foi então que Sitta diz que “[...] houve uma grande explosão. Ouvei dizer que um tanque foi até a lateral do prédio. Eles desceram, instalaram os explosivos e detonaram o prédio⁷⁷”. O resultado foi representado por Sacco na imagem 3. Nela, observamos o requadro compondo uma página inteira para dar maior enfoque à narrativa gráfica. Entre os entulhos do antigo prédio que abrigava o quartel policial verifica-se o intenso trabalho de soldados que tentam retirar sobreviventes dos entulhos. No canto inferior esquerdo

observa-se dois soldados carregando um terceiro em uma maca improvisada. Ao centro, verifica-se que o prédio não foi totalmente destruído, restando somente uma parte de sua estrutura em pé. Segundo Sacco, o resultado desse ataque levanta um ponto dúbio, pois, enquanto o Egito anuncia a morte de 72 soldados entre egípcios e palestinos, as Nações Unidas confirmam a metade desse número. Porém, independentemente dessa divergência, o número de baixas desse ataque israelense parece ser muito maior que o ataque dos *fedayeen* no vilarejo.

Em comparação entre a imagem 2 e a imagem 3, podemos observar a disparidade do poderio bélico entre os ataques israelenses e palestinos. Enquanto os palestinos atacaram na calada da noite com fuzis e facas, os israelenses utilizaram tanques de guerra em seu contra-ataque. O resultado dessa discrepância pode ser averiguado tanto no número de vítimas (15 no caso israelense e de pelo menos a metade de palestinos), como também aos danos à infraestrutura do lado atacado. Ao representar essa situação, o paralelo entre o presente e o passado sobre o conflito entre Israel e Palestina apresenta seus elementos de continuidade. Como observamos na cobertura realizada pelos grandes meios de comunicação, foi possível investigar que, enquanto os palestinos muniam-se com foguetes Qassam de fabricação caseira, os israelenses realizavam seus ataques com aviões e helicópteros, representando assim

⁷⁷ SACCO, Joe. *Notas sobre Gaza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.68.

o desnivelamento entre as duas forças combatentes.

Considerações finais

Como o próprio título do trabalho de Joe Sacco nos revela, “Notas sobre Gaza” relata os acontecimentos que por vários motivos, não receberam destaque em sua conjuntura histórica. A HQ do jornalista estadunidense não traz à luz somente as notas de rodapé dos massacres à Faixa de Gaza, em 1956, mas também as novas notas de rodapé na história do conflito entre Israel e Palestina.

O que tornava os acontecimentos atuais na Palestina uma nota de rodapé é a banalidade como a violência é perpetrada na região. O acervo de documentos das Nações Unidas é repleto de correspondências com reclamações como a do embaixador Mansour e de condolências ao Estado de Israel por países ocidentais, quando algum atentado terrorista é efetuado contra os israelenses. Mas o ponto de divergência são os meios de comunicação. Como observamos, a situação de vítima dificilmente é atribuída à imagem do palestino. Mesmo em situação de ataque, Israel é representado, pelo menos nos Estados Unidos, como o defensor legítimo de suas terras.

Joe Sacco escreveu “Notas sobre Gaza” dentro desse quadro de informações. Levamos em consideração que ele é um jornalista estadunidense, e que, por esse motivo, estava em contato na maneira como essas informações eram veiculadas, por isso

a escolha do *The New York Times* foi precisa para essa pesquisa. Como o *The New York Times* é um periódico de grande circulação e mencionado no mundo todo, consideramos a relevância e abrangência que seu capital simbólico possui. Também levando em consideração que os Estados Unidos, após o 11 de setembro, tinham implementado uma política de guerras de prevenção contra o Afeganistão e o Iraque, e como aliado a essa empreitada estava o Estado de Israel em conflito com a Palestina, houve interesse em observar a acentuada escalada na violência nesse período.

Ao entrecruzarmos “Notas sobre Gaza” às informações encontradas no repositório das Nações Unidas com as notícias do *The New York Times*, encontramos diferenças na maneira como as informações são representadas. O *The New York Times* pareceu mais propenso em manter o discurso da necessidade por parte do Estado de Israel em defender-se, mas, para isso, o palestino deveria ser considerado o inimigo sempre relacionado com alguma atividade terrorista. Por outro lado, há a crítica a essa visão de mundo por parte de Sacco. Descreve os *fedayeens*, que podem ser comparados com o Hamas, levando em consideração as divergências temporais, não como terroristas, mas sim como resistência à ocupação israelense. Ao desenhar a diferença entre as mortes do jovem palestino aos jovens judeus, Sacco representa a distinção que legitima o motivo pelo qual os ataques israelenses são considerados defesa de sua população enquanto os ataques palestinos são considerados como práticas terroristas.

BIBLIOGRAFÍA

- ANDERSON, Perry. *A política externa norte-americana e seus teóricos*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2013.
- DERSHOWITZ, Alan. *Em defesa de Israel*; tradução Mario R. Krausz – São Paulo: Nobel, 2004.
- FUKUYAMA, Francis. *O dilema americano: democracia, poder e o legado do neoconservadorismo*. Tradução de Novaldo Montigelli Jr. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- GARCIA, Santiago. *A novela gráfica*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Tradução: José Veigas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LEWIS, Bernard. *A crise do islã: guerra santa e terror profano*; tradução, Maria Lúcia de Oliveira, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- LIMA, Edivaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004
- MAZUR, Dan & DANNER, Alexander. *Quadrinhos: História moderna de uma arte global*. Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- NEDERVEEN PIETERSE, Jan. *O fim do império americano? Os Estados Unidos depois da crise*. São Paulo: Geração Editorial, 2009.
- SACCO, Joe. *Notas sobre Gaza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.
- THE NEW YORK TIMES. *Rice Admits U.S. Underestimated Hamas Strength*. 2006a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/23/world/middleeast/us-spent-19-million-to-aid-fatah-in-palestinian-elections.html?mtrref=www.google.com&gwh=C8FC7566020B4562D71A637C77BC1B55&gwt>. Acesso em: 3 ago. 2019.
- THE NEW YORK TIMES, *Suicide Bombing in Israel Kills 9; Hamas Approves*. 2006b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/04/18/world/middleeast/18mideast.html>. Acesso em: 8 ago. 2019.
- THE NEW YORK TIMES. *U.S. Spent \$1.9 Million to Aid Fatah in Palestinian Elections*. 2006c. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01>

[/23/world/middleeast/us-spent-19-million-to-aid-fatah-in-palestinian-elections.html?mtrref=www.google.com](https://www.google.com/search?q=/23/world/middleeast/us-spent-19-million-to-aid-fatah-in-palestinian-elections.html?mtrref=www.google.com). Acesso em: 3 ago.2019.

THE NEW YORK TIMES. *World Briefing | Middle East: Violence Between Israeli Forces And Palestinian Militants Escalates*. 2006d. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/02/25/world/world-briefing-middle-east-violence-between-israeli-forces-and.html>. Acesso em: 4 ago. 2019.

UCDP. *Uppsala Conflict Data Program*. Disponível em: <https://ucdp.uu.se/#conflict/234>. Acesso em: 2 ago. 2019.

UNITED NATIONS. *Identical letters dated 7 February 2006 from the Permanent Observer of Palestine to the United Nations addressed to the Secretary-General and the President of the Security Council*. 2006a. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185291/>. Acesso em: 3 ago. 2019.

UNITED NATIONS. *Secretary General urges Middle East parties to avoid escalation of violence, following targeted killings, rocket attacks*. 2006b. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-201043/>. Acesso em: 3 ago. 2019.